

CONLIN, JONATHAN. HISTÓRIAS DE DUAS CIDADES: PARIS, LONDRES E O NASCIMENTO DA CIDADE MODERNA. TRAD. MÁRCIA SOARES GUIMARÃES. BELO HORIZONTE: AUTÊNTICA EDITORA, 2013.

Carlos Eduardo Millen Grosso¹

O livro “História de duas cidades: Paris, Londres e o nascimento da cidade moderna”, de Jonathan Conlin, é fascinante. O historiador americano, radicado na Grã-Bretanha e reconhecido por pesquisas na área de museologia, utiliza uma abordagem que combina erudição, criatividade, pesquisa documental e imaginação histórica para analisar o desenvolvimento das cidades modernas a partir da Paris e da Londres dos séculos XVIII e XIX – ou seja, a chance de sermos tomados de surpresa nos mantêm alertas ao longo do livro.

A obra é dividida em seis capítulos – elaborados de modo a nos darem a sensação de um passeio – sobre a Paris e a Londres dos séculos XVIII e XIX. A partir de periódicos, documentos oficiais, memórias, relatos de viajantes, ilustrações, obras literárias, entre outros, Conlin analisa a relação entre metrópole, arquitetura e indivíduos, esquadrinhando seis distintos territórios da vida urbana parisiense e londrina: o lar, a rua, o restaurante, o *music hall*, o submundo noturno e o cemitério.

O livro começa descrevendo o desenvolvimento dos prédios de apartamentos em Paris, que passaram a surgir no século XVII, e as experiências com a inserção desse modo de vida em Londres. O autor analisa também o debate sobre as consequências da vida em apartamento nas duas cidades, como, por exemplo, separação física, cheiros e sons.

¹ Doutor em História (UFSC). Professor da UniSociesc-unidade Joinville. E-mail : machadosartre@yahoo.com.br.

Carlos Eduardo Millen Grosso

No capítulo 2, Conlin dedica-se ao modo como londrinos e parisienses *aprenderam* a andar nas ruas, identificando as principais diferenças e transformações dessa prática, uma vez que as ruas eram bastante sujas e pouco frequentadas por pedestres. Além disso, o autor analisa um dos personagens centrais da cidade moderna – o *flâneur* – em sua relação com a pavimentação, o transporte, as compras, etc.

Já o capítulo seguinte explora a noção de restaurante, que fora importada de Paris para Londres. Contudo, como bem explica Conlin, a ideia do que seria um restaurante não era a mesma para parisienses e londrinos: os primeiros o entendiam como um ambiente público e os segundos o percebiam como um espaço para o anonimato. Além disso, o autor dedica uma seção à análise da figura do *chef* francês no desenvolvimento da cozinha em Londres.

No capítulo 4, o interesse recai sobre os locais de diversão para dançar e cantar, especialmente o *music hall*, que dispunha de recursos musicais que basicamente se limitava a um piano. Além disso, Conlin analisa uma dança conhecida como cançã, examinando a sua origem a partir da relação entre as duas cidades e as experiências dos indivíduos envolvidos no desenvolvimento da dança.

Em seguida, Conlin investiga o submundo parisiense e londrino por meio da literatura policial da época. A investigação do autor proporciona também que acompanhem o processo pelo qual a noite deixa de representar um mundo ameaçador e passa a ser vista como encantadora.

Por fim, no capítulo 6, o autor dedica-se à relação dos ingleses e franceses com a morte, especialmente com os espaços destinados aos mortos: os cemitérios. Na pesquisa, Conlin identifica *hibridização* no estilo e na aparência dos cemitérios parisienses e londrinos.

De modo geral, a análise de Jonathan Conlin é orientada pelas dinâmicas de transformações inerentes ao processo de constituição dos territórios urbanos. A cidade, nessa perspectiva de análise, é percebida como um *território que organiza territórios* (RONCAYOLO, 1993). Além disso, tais territórios são vividos e

Carlos Eduardo Millen Grosso

transformados pelos habitantes das duas cidades, que lhes conferem sentidos, vivências e valores. Dessa forma, os territórios urbanos são lugares praticados, uma vez que a vivência dos espaços, as ações cotidianas, formam-se a partir do costume dos indivíduos e dos seus movimentos pela cidade. Nas palavras de Michel de Certeau (1995, p. 202): *o caminho para alcançar a cidade se faz pela experiência que se traduz numa permanente invenção do cotidiano.*

O autor escolhe uma abordagem provocativa e profícua para descrever o surgimento desses territórios sociais e culturais das cidades de Paris e Londres: a *histoire croisée*. A preocupação de Conlin está justamente em analisar as relações entre as duas cidades, *considerando a cidade como um lugar de intersecções*, longe das análises absolutamente rígidas e ontologizantes que insistem em colocar características como próprias de Paris ou de Londres, isoladamente. O autor rechaça qualquer tipo de compreensão essencialista da vida urbana e da arquitetura que obscureça o caráter transformador, os empréstimos e as trocas implícitas entre as duas cidades.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2005.

RONCAYOLO, Marcel. **La ville et ses territoires**. Paris: Gallimard, 1990.

Artigo recebido em 19/08/2018

Artigo aceito em 26/01/2019